

humanitas

Vol. LVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVI • MMIV



TOTO NOTVS IN ORBE MARTIALIS A RECEPÇÃO DE MARCIAL NA IDADE MÉDIA

ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO

Universidade de Lisboa

Résumé: Les lectures de Martial qui ont été faites par les auteurs chrétiens de l'antiquité tardive et le moyen-âge sont plus étendues qu'on ne le pense. Beaucoup de ces lectures sont la preuve irréfutable de que l'oeuvre de Martial faisait partie des programmes qui ont servi à former les hommes de plusieurs générations. Des recueils moralisés ont circulé librement, accessibles même aux jeunes gens qui se préparaient à la vie cléricale. Ça explique pourquoi des auteurs comme Isidore de Séville dans l'Espagne wisigothique, ou Alvare de Cordoue pendant l'occupation musulmane, se servent fréquemment d'exemples empruntés à Martial. Au XII^e siècle les lecteurs de Martial ont disposé d'éditons intégrales de son oeuvre. Parfois quelques aspects de l'esprit païen des *Épigrammes* se sont insinués dans les livres de sermons. De cette façon Martial inconsciemment était diffusé par les prêcheurs parmi un publique beaucoup plus vaste que ceux qui le connaissaient par la lecture.

A par de Horácio, Marcial é, talvez, o poeta latino que mais vivamente manifesta consciência, e desejo, de que a sua obra, já conhecida em vida, se perpetuará depois da sua morte. Para não me dispersar em análises de pormenor, recordo apenas aquele epigrama de que foi tomada a epígrafe deste Congresso, a qual diz assim em tradução de José Luís Brandão:

Este é aquele que lê, aquele que reclama,
Marcial, conhecido em todo o mundo
pelos seus argutos livrinhos de epigramas.
Foi a ele que tu, dedicado leitor, deste,
em vida e no seu perfeito juízo, uma glória
que raros poetas alcançam depois das cinzas.¹

¹ As citações em português dos epigramas são feitas pela edição Marcial, *Epigramas*, Lisboa, Edições 70, Vol. I s.d. [2000], Vol. II s.d [2000], Vol. III 2001,

O que verifiquei com a investigação que fiz sobre a pervivência de Marcial foi que ele se tornou conhecido em todo o espaço da língua latina durante a Idade Média e que alcançou um renome que poucos poetas alcançam. Nisto não se enganou Marcial.

O que decerto não imaginou foi que a sua obra seria lida pelas mais diversas motivações, algumas delas alheias à sua intenção original. Grande parte dela circulou em antologias expurgadas, ou foi lida à socapa, mas nunca confessadamente citada em letra de forma. Refiro-me aos poemas menos decentes. E mesmo quanto aos outros, ao contrário do que escreveu – «sou conhecido das nações como o famoso Marcial» –, com frequência o seu nome é obliterado, ou ignorado e substituído pelas fórmulas de anonimato «*quidam ait*», «*dicit poeta*». E, mais ainda, para os apoletas dos primeiros séculos do Cristianismo, Marcial, nunca nomeado, é testemunha viva da crueldade dos jogos no Coliseu inaugurado no seu tempo, onde padeceram inúmeros cristãos. Para Prisciano, retomado nesse aspecto por Rabano Mauro, os versos dos epigramas são fonte de exemplos gramaticais, pelo uso da vernaculidade da língua latina e das licenças poéticas. Isidoro de Sevilha procurou na obra de Marcial informações, tantas vezes mal interpretadas, para as suas etimologias. Enfim, no renascimento universitário dos séculos XII/XIII, Marcial é lido e utilizado nos sermonários, com a mesma autoridade que os versículos da Bíblia, para corroborar ensinamentos morais.

Convido-vos, por tudo isso, a fazer este percurso e a acompanhar esta demonstração, que espero não seja muito maçadora.

Shackleton Bailey, na sua edição de Marcial (Teubner, 1990), apresenta um anexo de cinco páginas com testemunhos da pervivência da obra de Marcial. Segundo esse índice, registam-se influências em Ausônio, Claudiano, Mário Victorino, Dracôncio, etc. Embora este índice seja de grande utilidade, não deixa todavia de enfermar de alguma debilidade, pois que se fundamenta em análises de semelhanças de vocabulário e de expressões, nem sempre válidas e concludentes. No entanto, se, por um lado, tal metodologia comporta alguns riscos, por outro, tem a enorme vantagem de sugerir uma influência tão profunda de Marcial

Vol. IV 2004. Versos acima citados: liv. I, 1 (trad. de José Luís Brandão). Cf. liv. X, 9: «À custa de meus versos de onze pés e de onze sílabas // e de meu grande humor, isento de crueza, // sou conhecido das nações como o famoso Marcial, // e conhecido dos povos...» (trad. de Paulo Sérgio Ferreira).

sobre a escrita dos autores dos séculos segundo a sexto, que com algum fundamento se pode deduzir que esses autores o leram e aprenderam em tenra idade. Será duvidoso, por exemplo, que Venâncio Fortunato (séc. VI) tenha usado cinco vezes a expressão «*pietatis opus*» sob a influência de Marcial, que a utiliza no livro dos *Espectáculos*. Duvidoso, porque esta expressão, sem dúvida cunhada por Marcial,² ocorre em Prudêncio, Paulino de Nola, João Cassiano, Próspero de Aquitânia, Dracôncio, Paulino de Périgueux (todos do séc. IV/V) e ainda em Rústico Helpídio (do séc. VI). Mas quando estes indícios se acumulam, uma pesquisa em extensão de fenómenos desta natureza pode conduzir a uma espécie de saturação de indícios, por si mesma conclusiva.

1. Na *Gallia*

Há um aspecto da poesia de Marcial que estava destinado a perpetuar-se. Como se sabe e critica, Marcial não poupou tinta nem papiro em elogios e panegíricos aos sucessivos imperadores que conheceu: Vespasiano, Tito, Domiciano. Sobretudo este. Mas quando a dinastia Flávia sucumbiu em 96 com o assassinato de Domiciano, Marcial não hesitou em elevar bem alto o panegírico à governação do novo regime, aliás reconhecido pelos historiadores como uma época das mais prósperas para todo o império. Por isso, não terão sido sentidos como exagerados os versos em que as grandes figuras do passado, os «*ueteres patres*», são evocados para darem o seu aval ao imperador Nerva, o primeiro representante da nova dinastia:

*Tanta tibi est recti reuerentia, Caesar, et aequi,
Quanta Numa fuerat [...].
Si redeant ueteres, ingentia nomina, patres,
Elysium liceat si uacuare nemus:
[...]
Te duce gaudebit Brutus, [...].
Ipse quoque infernis reuocatus Ditis ab umbris
Si Cato reddatur, Caesarianus erit.³*

² Antes de Marcial, ocorre expressão semelhante em Valério Máximo («*pietatis opera*»): «*Magna sunt haec uirilium pietatis opera*» (*Facta et dicta memorabilia*, V, 4, 6).

³ XI, 5. «É tanto o respeito que tens, César, pela rectidão e pela justiça //quanto o que Numa havia tido: // Se os nossos velhos pais, de grande renome,

Cerca de trezentos anos depois de estes versos terem sido escritos, Lúcio Pacato Drepânio escreveu, no ano de 389, um panegírico ao imperador Teodósio, no qual afirma que é tanta a correcção dos costumes e a prática da virtude do seu governo, na vida privada como na pública e na esfera de todas as instituições do Estado que, se o austero Bruto voltasse a esta efémera existência, não deixaria de manifestar a sua aprovação. Isto soa a Marcial. A situação típica evocada é, sem dúvida alguma, uma reminiscência do epigrama que acabei de ler:

«*Quod si per rerum naturam liceret, ut ille Romanae libertatis assertor, regii nominis Brutus osor, precariae redditus vitae, saeculum tuum cerneret studiis virtutis, parcimoniae, humanitatis imbutum ac refertum, [...] mutaret profecto sententiam tanto post suam [...]*».⁴ («Se a natureza permitisse que Bruto, o célebre defensor da romana liberdade, que odiava a palavra rei, fosse restituído à vida e visse o tempo em que governas, imbuído e penetrado do amor à virtude, à parcimónia, à bondade, [...] mudaria, sem dúvida, de opinião, tanto tempo depois.»)

A Marcial foi Drepânio buscar a imagem de que a virtude e a justiça dos novos tempos são tais, que, se os antepassados mais austeros voltassem, haviam de aderir ao novo regime e saudá-lo como a implantação da Idade de Ouro. Além disso, é clara a dependência textual directa, manifesta na evocação da figura de Brutus: «*Te duce gaudebit Brutus*», em Marcial; «*ille Romanae libertatis assertor [...] Brutus osor*», em Pacato Drepânio.

Pacato era natural de Bordéus. Foi amigo de Ausónio, que o considerava «*bonus, doctus, facilis vir*»⁵. Onde se formou ele? Na Gália. Onde leu Marcial? Na Gália, provavelmente. Uma conclusão se impõe: no séc. IV, em ambiente cristão, para se fazer o panegírico da governação do imperador cristão, o elogio da «*castitas pontificum*», entenda-se «dos Bispos», recorre-se ao paganíssimo Marcial, de certo conhecido, pelo menos em antologia de textos lidos e comentados na escola.

voltassem à terra, // se fosse lícito despovoar os Bosques Elísios, [...] // de servir às tuas ordens se agradaria Bruto, // [...]. E se o próprio Catão, das infernais sombras de Dite // regressasse também, partidário de César se tornaria.» (Trad. de Delfim Leão).

⁴ Pacatus Drepanius, *Panegyricus* (PL 13:496).

⁵ Ausonius Burdigalensis, *Idyllia* (PL 19:920).

Para reforçar esta ideia, permitam-me que recorra a um contemporâneo de Pacato Drepânio: Ambrósio de Milão, que nasceu e cresceu na Prefeitura da Gália, não se sabe se em Arles, Lyon ou Trier (sul da Alemanha). Na sua imensa obra encontra-se uma reminiscência indirecta de Marcial, daquelas que denunciam que uma ideia outrora apreendida foi assimilada e a seu tempo vertida por outras palavras em situação idêntica.

Marcial consagrou em um dístico como é absurdo que alguém se mate por medo da morte, formulando a pergunta: «*Hic, rogo, non furor est, ne moriari, mori?*»⁶ Ambrósio leu este epigrama, por certo na infância, e um dia, já bispo de Milão, pregador e escritor famoso, ao falar do medo da morte tem no subconsciente a imagem da ideia de Marcial e refere-a como *exemplum*, dando forma ao pensamento por palavras suas. E assim escreveu: «*Quantos [metus mortis] ad laqueum impulit, armavit ad gladium; ut in eo ipso amentiam suam proderent, mortem non ferentes, et mortem appetentes.*»⁷ («A quantos o medo da morte não empurrou para o laço de uma forca, ou não armou para o suicídio pela espada, mostrando precisamente nisto a sua demência: procuraram a morte, por não suportarem a morte.») É clara a correspondência entre «*furor*» e «*amentiam*», entre «*ne moriari mori*» e «*mortem non ferentes et mortem appetentes*», em suma, entre a expressão de Marcial e a de Ambrósio. A ideia é a mesma; as palavras, sinónimas. Como quando acontece que se reassume um pensamento que se ouviu ou leu muito tempo atrás. Em Trier, às portas da Germânia, ou em Arles, no sul da Gália, Marcial era lido e ensinado aos meninos: *Toto notus in orbe*.

Da primeira metade do séc. V, também ele originário da Gália, Célio Sedúlio compôs um *Carmen Paschale*, em que vêm ao de cima marcas indeléveis da leitura de Marcial. Ao ler-se um verso como este: «*Et didicere truces praedam seruare leones*»⁸, não há leitor de Marcial a quem não

⁶ II, 80. «Isto, pergunto eu, não é uma loucura: para não morrer, morrer?» (Trad. de José Luís Brandão). Ou seja: «Não é isto demência, matar-se para não morrer?»

⁷ *Sancti Ambrosii Mediolanensis episcopi de excessu fratris sui satyri libri duo*, PL 16:1318. A relação acima analisada foi identificada pelo anotador desta obra na edição inserida na PL.

⁸ *Car. Paschale*, liv I, 219 (PL 19:575). Este verso foi reproduzido por Aldelmo de Malmesbury (640-709), no seu *De laudibus uirginitatis* (cf. PL 89:137)

venha à memória a imagem da força bruta do leão a deixar incólume a frágil lebre, tema recorrente em Marcial. São pelo menos três os epigramas em que aparecem associados «leo», «praeda», e «parcere» (sinónimo de «seruare», usado por Sedúlio).⁹ Em um desses passos aparece também a forma «didicere», como em Sedúlio. Em suma, em cinco palavras do verso de Sedúlio quatro são de Marcial, usadas no mesmo contexto. A quinta, «truces», é também usada por Marcial, ainda que em contexto diverso.

Sedúlio é, pois, mais um poeta cristão que em uma escola da Gália estudou Marcial, por uma colectânea, provavelmente, dos poemas decorosos.

Finalmente, na segunda metade do séc. V, lia-se Marcial. Um testemunho interessante é o de Sidónio Apolinar, que afirma excluir do seu cânone, entre outros poetas, o «*mordax sine fine Martialis*»,¹⁰ que aparece associado a Petrónio. No entanto, a sua exclusão só prova que o leu e, muito concretamente, o epigrama 35 do Livro X:

Leiam Sulpícia todas as bem-amadas
que desejem agradar a um só homem;
leiam Sulpícia todos os maridos
que desejem agradar a uma só esposa.¹¹

E, sem dúvida alguma, também o epigrama 38 do mesmo livro:

Ó carinhosos quinze anos de casamento
que, com tua Sulpícia, Caleno,
um deus te concedeu que completasses!
Ó noites, ó horas, todas marcadas
por caras pedrinhas de indianas plagas!
Ó que combates, que mútuos pleitos,
o vosso feliz leito e a lucerna presenciaram,
ébrios dos orvalhos nicerotianos!¹²

⁹ Liv. I: 6, 14, 22.

¹⁰ *Carmina* (PL 58: 702).

¹¹ X, 35 (trad. de Paulo Sérgio Ferreira): «*Omnes Sulpiciam legant puellae, // Vni quae cupiunt viro placere; // Omnes Sulpiciam legant mariti, // Vni qui cupiunt placere nuptae.*»

¹² X, 38 (trad. de Paulo Sérgio Ferreira): «*O molles tibi quindecim, Calene, // Quos cum Sulpicia tua iugales // Indulsit deus et peregit annos! // O nox omnis et hora,*

Foi esta referência de Marcial aos quinze «*molles annos*» que Caleno e Sulpícia celebravam, aos «*proelia*» e às «*pugnae*», ao feliz «*lectulus*», que levou o Bispo de Lyon a recusar «*quod Sulpiciae jocus Thaliae // Scripsit blandiloquum suo Celeno.*»¹³

Sidónio Apolinar era um poeta extremamente culto e bom conhecedor da poesia latina clássica. Outros passos de indiscutível significado remetem para Marcial.¹⁴

2. Na *Hispania*

Ainda ao século quarto, primeira metade, pertence o príncipe dos poetas cristãos, Juvenco, presbítero hispano, autor da primeira versão épica da história evangélica, elaborada principalmente sobre o Evangelho de S. Mateus. Que este poeta leu os epigramas de Marcial, parece confirmá-lo a abundância de expressões que dele transpõe literalmente para a sua obra ou adapta. Apenas um breve apontamento: onde Marcial diz «*uirgineam domum*», Juvenco usa «*uirgineis tectis*»¹⁵. Mas não é só a sugestão vocabular que aqui está presente. É também a imagem da casa das vestais, onde eram educadas desde meninas, em perfeita castidade, as sacerdotisas de Vesta. Não ignoro que a tradição da Virgem Maria, reclusa no Templo desde a infância, vem dos Evangelhos Apócrifos. Mas é a imagem expressa por Marcial que Juvenco transpõe para o seu texto, fazendo Maria, à semelhança das meninas romanas, ingressar na escola do templo de Jerusalém, para aí crescer castamente: «*uirgineis caste pubescere tectis*».

Esta evocação das imagens e palavras, guardadas nos recônditos da memória, tem como efeito que, não raras vezes, se cruzem reminiscências de vários autores. Em um verso de Juvenco – «*Si ruber astrifero procedit vesper olympo*» – uma parte é de Vergílio, a saber, «*procedit vesper olympo*»,

quae notata est // Caris litoris Indici lapillis! // O quae proelia, quas utrimque pugnas // Felix lectulus et lucerna vidit // Nimbis ebria Nicerotianis!»

¹³ *Carmina* (PL 58:702): «as palavras doces de Sulpícia que escreveu para o seu Celeno (sic)».

¹⁴ Veja-se o artigo de Maria Cristina Pimentel, «Ecos prosopográficos de Marcial em Sidónio Apolinar», *Euphrosyne* 22 (Lisboa, 1994) 81-107.

¹⁵ *Epigr.* I, 70; *Hist. Evang.* I, 90 (PL 19:70).

mas o adjectivo que qualifica «*Olympos*» – em «*astrifero olympos*» – é de Marcial, onde se encontra a expressão sinónima: «*astrifero... polo*». ¹⁶

3. Isidoro de Sevilha

Depois destes autores e de outros com influências de vocabulário de Marcial difíceis de demonstrar, o poeta dos epigramas entra no deserto do esquecimento durante todo o século VI. No VII reaparece, em Isidoro de Sevilha, exclusivamente como repositório de arqueologia linguística para a redacção das *Etimologias*. Vejamos alguns exemplos.

Marcial escreveu no epigrama 94 do livro XIII:

*Dente timetur aper, defendunt cornua ceruum:
Inbelles dammae quid, nisi praeda, sumus?*¹⁷

Este dístico interessou a Isidoro, não pelo toque poético de suave melancolia sentida perante a fragilidade humana, mas pela informação objectiva de que o gamo é um animal tímido e indefeso, tomando Marcial como prova da sua afirmação. E por isso transcreveu todo o dístico.

De Marcial transcreveu também o epigrama 76 do livro XIV:

*Pica loquax certa dominum te uoce saluto:
Si me non uideas, esse negabis auem.*¹⁸

para explicar que as pegas são dotadas de fala e que, por isso, são «*quasi poeticae*». Neste caso, ao contrário do anterior, Marcial não é identificado pelo nome, mas apenas por «*quidam*» («*de qua congrue quidam ait*»¹⁹), estranha forma de ocultação do nome de um autor que acabava de ser identificado sem reserva no passo anterior. Será que Isidoro conhecia os textos por uma antologia, onde este dístico não vinha claramente

¹⁶ IX, 20; Cf. VIII, 28.

¹⁷ «O javali é temido pela presa, as hastes defendem o cervo: // mas nós, gamos indefesos, que mais somos além de presa?» (Trad. de Delfim Ferreira Leão).

¹⁸ «Eu, pega loquaz, com clara voz por “senhor” te saúdo. // Se me não vires, não dirás que sou uma ave.» (Trad. de Paulo Sérgio Ferreira)

¹⁹ PL 82:45.

identificado? É hipótese plausível. Poder-se-ia também alvitrar que Isidoro pretenderia esconder ao leitor a possibilidade de ir compulsar os *Epigramas* em uma edição completa, particularmente no caso dos mais escabrosos. Explicação inconsistente, visto que a fórmula «*quidam sic ait*» introduz, logo a seguir, um dos epigramas mais inocentes:

Pasmas, de cada vez que ele [o pavão] abre as asas repletas de gemas e conseqües, desalmado, enviá-lo ao cruel cozinheiro?²⁰

Como a tradução portuguesa que acaba de ser lançada dá perfeitamente conta, este dístico insere-se numa série de 123 poemetos sobre petiscos e bebidas, muitos deles em forma de enigmas. É bem conhecida uma colectânea deste género de adivinhas, organizada por Célio Firmiano Sinfósio, séc. IV/V, que recolheu cerca de uns cem desses enigmas em latim e que exerceu grande influência na tradição medieval. Não é de excluir a hipótese de que Isidoro tenha conhecido, em uma antologia deste tipo, os poemas que não identifica como sendo de Marcial. De facto os dísticos que cita são do género daqueles que constam dos *Aenigmata Symphosii*.

Um outro hispano da Bética, já Andaluzia, Paulo Álvaro de Córdoba, consagrou doze versos a uma écfrasis da mesma ave, o pavão. É uma pintura colorida, com descrição da voz, das penas, da cauda, do esplendor que irradia e da majestade do porte. No meio dessa descrição surge o hemistíquio «*mire dum explicat alas*», imitação, sem dúvida, do «*Miraris, quotienscumque [...] explicat alas*»²¹ de Marcial. O que não é claro é se Paulo Álvaro colheu esta imagem e parte da expressão directamente em Marcial, se em Isidoro de Sevilha, ou se em uma colectânea de enigmas. A imagem, um pouco sinistra, do pavão, cujo esplendor excede a magnificência real, a ser entregue ao cozinheiro, não está presente no poema do poeta de Córdoba, que privilegia a sensação do deslumbramento que se desprende da ave. É uma opção poética legítima, que desfigura, mas não anula, a sua dependência de Marcial, talvez por intermédio de Isidoro. Há mais um indício em favor desta hipótese, que é a

²⁰ XIII, 70 (trad. de Delfim Leão): «*Miraris, quotiens gemmantis explicat alas // et potes hunc saeue tradere, dure, coco?*»

²¹ *Carmina*, PL 121:557.

presença, em Paulo Álvaro, do adjectivo «*gemmatus*», que remete para as «*gemmantis alas*», em Marcial e em Isidoro.

A associação de ideias entre o esplendor da ave e o macabro destino que a espera, mais fiel a Marcial, reaparece num conhecido poema goliárdico, presente no *Codex Buranus*, publicado por Alfons Hilka e Otto Schumann na edição dos *Carmina Burana*:

*Olim lacus colueram,
Olim pulcher exstiteram
[...]
Eram nive candidior
quavis ave formosior
[...]
Me rogas urit fortiter
gyrat, regyrat garcifer
propinat me nunc dapifer.*²²

Não me parece arriscado dizer que aqui encontramos uma inspiração de Marcial.

Mas deixemos o pavão e o cisne entregues ao cozinheiro, para voltarmos a Isidoro de Sevilha. Marcial, que fora designado duas vezes pela fórmula «*quidam ait*», volta a ser referido pelo seu nome no belíssimo epigrama dedicado a Istâncio, que acabava de ser nomeado procônsul da Bética. É um poema de outro género, daqueles que de certeza não andavam pelas colectâneas de enigmas, que foram, quanto a mim, uma das formas de divulgação dos «*apophoreta*», ou pelo menos de uma parte deles, muitas vezes de autoria não identificada.

Mas quanto à utilização, Isidoro prossegue os mesmos objectivos, ou seja, catalogar o universo segundo a etimologia dos nomes que designam as coisas. Disto temos um exemplo na utilização por parte de Isidoro do epigrama que começa assim:

*Baetis oliuifera crinem redimite corona,
aurea qui nitidis uellera tinguis aquis.*²³

Esta evocação poética ocorre a Isidoro a propósito da etimologia do nome do rio Bétis [o Gaudalquivir], que, segundo ele, deriva do grego

²² *Carmina Burana*, Heidelberg, 1971, n.º 130.

²³ XII, 98.

baquv e por isso significa aquele que corre em terreno humilde, plano. Como é evidente este aspecto não está em Marcial, de modo que a citação deste epigrama é, de certo modo, despropositada. A não ser que nos fixemos no comentário, marginal, de Isidoro. Marcial diz: «tu que nas águas claras banhas o velo de ouro»; Isidoro interpreta o sentido destas palavras, precisando: «isso é porque aí [no rio Bétis, Gaudalquivir] as lãs se tingem de uma cor de rara beleza».²⁴ Há um jogo óbvio com o verbo «tinguo», que significa «banhar» em Marcial e em Isidoro passa a significar «tingir». Há sobretudo a atenção a um pequeno pormenor, com perda do sentido subjectivo, dessa imensa saudade que se respira no poeta hispânico, em cujas palavras revive a imagem dos olivais e dos vinhedos a perder de vista, e dos rebanhos, imagem que a tradução portuguesa de José Luís Brandão transmite de forma quase impressionista:

Ó Bétis de coma cingida com uma coroa de oliveira,
tu que nas claras águas banhas o velo de ouro;
amado de Brómio e Palas; a quem o senhor das águas
abre caminho às naus pelas ondas escumosas:

A referência a Baco (Brómio) e a Atena (Palas) projecta a imagem das vinhas e das oliveiras, que são como que o fundo da pintura paisagística de Marcial.

As citações de Marcial em Isidoro são todas motivadas pelo mesmo objectivo. Mas nem por isso deixam de desempenhar um papel determinante na sobrevivência da sua obra. Foi, com efeito, por intermédio das *Etimologias* que o nome de Marcial e os excertos da sua obra se propagaram, como em eco, aos seguintes autores: a Beda (séc. VII/VIII); a Rabano Mauro (séc. VIII/IX); a Paulo Álvaro de Córdova (séc. IX); a um autor anónimo, geralmente identificado como sendo Hugo de Folieto (séc. XII); a um autor anónimo de sermões; a João de Salisbúria (séc. XII).

A Paulo Álvaro de Córdova, já me referi há pouco. Permitam-me algumas palavras sobre o anónimo dos sermões. É um facto sabido que os sermonários, ou colectâneas de sermões, foram utilizados, até tempos

²⁴ «*Baetis fluuius, qui et Baeticae provinciae nomen dedit, de quo Martialis: 'Baetis olivifera crinem redimite corona / Aurea, qui nitidis vellera tingis aquis', eo quod ibi lanae pulchro colore tinguntur. Baetis autem dictus, eo quod humili solo decurrat.*» (*Etimologiae*, PL 82: 494)

muito recentes, pelos pregadores nos seus sermões e homilias. Quantas vezes do alto do púlpito não terá sido repetido um passo deste sermão sobre a Arca de Noé:

«A pega, tal como o ser humano, profere palavras distintamente, e, embora não consiga explicitá-las em discurso, imita, todavia, o som da voz humana. Acerca dela disse alguém muito a propósito...».²⁵

Esse alguém é Marcial e o que disse são os versos acima citados sobre a pega. Foi assim que Marcial entrou nos *exempla* da moralidade cristã e tantas vezes foi repetido que os ouvintes o guardaram no coração e na memória, sem saber que se tratava de Marcial. Estranha forma de perpetuação da obra sem o nome do autor.

4. Petrus Comestor

O século XII, a que provavelmente pertence o anónimo dos sermões, foi, de facto, o da maior divulgação da obra de Marcial. Petrus Comestor, 1100-1179, que foi professor em Paris, é um bom exemplo de como o ressurgimento dos clássicos está ligado ao renascimento universitário. O que é mais digno de ser assinalado é que ele cita, em um sermão da festa de Santo Agostinho, o epigrama 47 do livro X, que em tradução portuguesa diz o seguinte:

Estes são, caríssimo Marcial, os bens
que tornam a vida mais feliz:
uma fortuna obtida não por trabalho, mas por herança;
um campo não estéril, uma lareira sempre acesa;
processos, nunca; a toga, raramente; a paz de espírito;
um vigor de nascença, um corpo saudável;
uma prudente lisura, amigos de igual condição;
uma convivência fácil, uma mesa sem artifício;
um serão não ébrio, mas livre de cuidados;
um leito nupcial não austero, e contudo honrado;
um sono que torne breves as trevas;
querer ser o que se é, sem outra coisa preferir;
o derradeiro dia não temer nem desejar.

²⁵ «*Pica verba in discrimine vocis exprimit ut homo, quae etsi linguam in sermone nequeat explicare, sonum tamen humanae vocis imitatur. De hac quidam congrue dixit: Pica loquax, certa dominum te voce saluto. // Si me non videas, esse negabis avem.*» (Auctor incertus, *Sermones*, PL 177: 1090).

Petrus Comestor, no seu sermão, limitou-se, evidentemente, apenas a alguns aspectos: o uso da «toga raramente»; «uma convivência fácil, uma mesa sem artifício», «querer ser o que se é». Ninguém estaria à espera que, do alto do púlpito, fosse pregado todo esse hedonismo de «*aurea mediocritas*», que ressuma de Marcial, embora esse ideal esteja implícito nas palavras do pregador, quando escreveu: «*Verum dulcedinem mediocritatis altius exprimere possumus. Tria sunt quae comitantur mediocritatem: sufficientia, tranquillitas, securitas*», ou seja: «Na verdade, podemos dizer em síntese o que é a doçura da ‘*mediocritas*’. São três as coisas que a acompanham: ter o suficiente, a tranquilidade, a segurança.»

Esta tirada significa que os ideais do humanismo pagão tomaram assento na cátedra e no púlpito. Os autores pagãos, lidos e meditados, passaram a ser fonte de exemplos morais, a par das Sagradas Escrituras. Marcial e os clássicos, globalmente, passaram a ser conhecidos em leituras integrais, comentados e estudados.

Hoje fazem-nos sorrir algumas anotações desta época. Petrus Comestor, por exemplo, observa que o destinatário a quem Marcial se dirigia com o vocativo «*iucundissime Martialis*» do epigrama X, 47, era o filho do poeta, filho que nunca teve. A hermenêutica de Marcial tinha as suas limitações. O nível de leitura falhava neste e em muitos outros pormenores de interpretação. Com efeito, o destinatário subjacente a «*Iucundissime Martialis*» não é um filho de Marcial, mas sim Júlio Marcial, um amigo do poeta, como bem anotou Cristina Pimentel. Todavia, do ponto de vista da divulgação, tais limitações são grandemente superadas desde o momento em que o nome do Autor ressoa do alto do púlpito e se perpetua nas versões escritas das colectâneas dos sermões. Permitam-me que salte, por um instante, do século XII para o século XVII, a fim de recordar que o Pe. António Vieira era leitor assíduo e aficionado de Marcial.²⁶

Que Marcial, durante o século XII era leitura integral, prova-o também uma citação de João de Salisbúria, não de um epigrama, mas do prefácio, em prosa, ao livro I, cujo teor é o seguinte: «*inprobe facit qui in alieno libro ingeniosus est.*» («Procede indignamente quem mostra talento à custa de um livro alheio»). São reflexões desta natureza que denotam a familiaridade de João de Salisbúria com o texto completo de Marcial, do qual se

²⁶ *Cartas* (J. L. Azevedo, INCM, 1971), vol. II, p. 620.

serve espontaneamente para ilustrar uma ideia sua, como acontece com o dístico:

Há bons, alguns medíocres, na sua maior parte são maus
os versos que aqui lê: não é de outro modo, Avito, que se faz um livro,²⁷

como que fazendo notar que deixa à crítica o direito de elogiar ou criticar a sua obra.

Em todo o caso é sempre o Marcial moralizado que encontramos nestes autores. O que não deixa de ser significativo é que Marcial seja um dos autores citados por Pedro o Chantre, século XII, mestre do coro de Notre Dame de Paris, na sua obra *Verbum abbreviatum*, pequeno repositório de conselhos sobre a vida virtuosa. Na verdade, estes autores deram-se conta de uma faceta muito importante de Marcial: a luta contra os vícios. O que, durante a sua leitura, impressionou Pedro o Chantre foi o verso «*Quas dederis, solas semper habebis opes*», entendido como uma espécie de máxima: «os bens que tiveres dado, são os únicos que sempre terás».²⁸

O contexto em que Marcial escreveu este verso é o da amizade, como se vê claramente pelo verso precedente:

«A salvo do destino está o que se dá aos amigos».²⁹

O Chantre de Notre Dame oculta o primeiro verso do dístico, escolhe o segundo, conferindo-lhe um valor mais universal e associando-o à prática cristã das obras de misericórdia, repetindo como introdução ao verso citado: «Só possuis aquilo que dás em obras de misericórdia».³⁰

Este procedimento volta a encontrar-se na citação de VIII, 15: «*Principis est uirtus maxima, nosse suos*» («A maior virtude do Príncipe é conhecer os seus»), que aparece relacionada, na mesma frase, com o versículo

²⁷ I, 16: «*Sunt bona, sunt quaedam mediocria, sunt mala plura // quae legis hic: aliter non fit, Avite, liber.*»

²⁸ V, 42.

²⁹ V, 42: «*Extra fortunam est, quidquid donatur amicis.*»

³⁰ *Verbum abbreviatum*, PL 205:283: «*Sola ea habes quae misericorditer proximo impenderis.*»

de S. Paulo aos Coríntios: «*Corrumpunt bonos mores colloquia mala*»³¹, e com a norma de Séneca: «*Potius uidendum est tibi cum quibus edas, quam quid edas*».³²

Em suma, o que estes autores lêem representa Marcial na íntegra. Mas o que de facto comunicam e transmitem é o Marcial moralizado, cristianizado, sem lhe alterarem uma única palavra, o que, diga-se de passagem, veio chamar a atenção para a enorme riqueza de aspectos, temas e leituras dos seus epigramas: ideal da áurea mediania de uma vida tranquila e sem ambições desmedidas, humildade para aceitar uma crítica, prática das obras de misericórdia, escolha de bons conselheiros, imprecações contra os invejosos dos talentos alheios. A situação em que se vê Pedro de Blois, século XII, fez-lhe acudir à mente o epigrama 40 do livro I:

Tu que torces o nariz e não lês estes versos de bom grado,
podes invejar toda a gente, invejoso, porque ninguém te inveja a ti.³³

Pierre de Blois glosou magistralmente, ampliando-o no seu alcance, este topos da inveja, que em Marcial aparece restringido à inveja intelectual, ou melhor, à inveja provocada pelo talento literário. Assim, a paráfrase feita ao dístico de Marcial vai muito além dele: «Eis como a inveja intoxica o mel, e, sentindo-se torturado com a virtude alheia, deturpa por maldade o bem que em si não encontra. Reputa como ganho para a sua fama o desfazer do bom nome dos outros, considerando que lhe é retirado a si mesmo tudo aquilo que acrescenta aos títulos de bondade do próximo.»³⁴

³¹ I Cor. 15, 33.

³² *Cartas a Lucílio*, 19, 10.

³³ I, 40 (trad. de Delfim Ferreira Leão): «*Qui ducis vultus et non legis ista libenter, / omnibus invidias, livide, nemo tibi.*»

³⁴ *Epistolae*, PL 207:289. «*Ecce quomodo invidia mel intoxicat, et dum aliena virtute torquetur, bonum quod apud se non invenit malitiose depravat. Opinionis enim alienae dispendium, suae famae reputat lucrum, totumque sibi detrahi credit, quod ad titulos vicinae bonitatis accedit.*» P. Blois cita ainda *Epigramas* II, 3 («*Sexte, nihil debes*»).

5. Conclusão

Quando Marcial morreu, há 1900 anos, Plínio, seu amigo, um dos contemplados com a oferta de epigramas, escreveu umas linhas de homenagem ao poeta, como que afirmando em estilo de oração fúnebre abreviada: «*Erat homo ingeniosus acutus acer, et qui plurimum in scribendo et salis haberet et fellis, nec candoris minus.*» («Era um homem talentoso, penetrante, mordaz, que tinha na sua escrita muito sal e fel, e não menos fulgor»). É a primeira observação crítica à sua obra, francamente elogiosa. Mas será que, com estes atributos, a obra de Marcial teria a sua perenidade assegurada? Plínio admite que não; ou melhor, admite que alguém diga que não: «*At non erunt aeterna quae scripsit*» (este «*non erunt*» equivale gramaticalmente a um conjuntivo concessivo). Pessoalmente não está convencido de que assim venha a acontecer. E por isso argumenta: «*non erunt fortasse, ille tamen scripsit tamquam essent futura.*» Como se dissesse: «Mas alguém dirá que não serão eternos os epigramas que escreveu. Talvez não sejam. Mas ele escreveu-os para virem a ser imortais». Enganou-se Plínio na hipótese que formulou. A análise que fiz e os manuscritos que nos restam são prova de que Marcial foi lido e conhecido em toda a parte. Lido e aprendido nas escolas na Antiguidade Tardia. Lido em florilégios moralizados. Utilizado no púlpito como fonte de *exempla*, a partir do século XII, pelo menos. Lido integralmente nos ambientes universitários. E quem sabe se lido às vezes às escondidas por aqueles que mais se encarnçaram contra ele. Disso temos um exemplo em Marius Mercator, que não será caso único. De uma forma ou de outra, *Toto notus in orbe Martialis*.